

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Março 1989



Jesus e Alexandre

«Jesus e Alexandre morreram aos trinta e três;
Um viveu e morreu por si próprio; o outro morreu por ti e por mim.
O Grego morreu num trono; o Judeu numa cruz;
A vida de um pareceu um triunfo; o outro apenas uma perda.
Um conduziu vastos exércitos; o outro caminhou sozinho;
Um derramou o sangue de todo um mundo; o outro deu o Seu
próprio sangue.
Um ganhou o mundo na vida e perdeu-o completamente na morte;
O outro perdeu a vida a fim de ganhar a fé do mundo inteiro.
Jesus e Alexandre morreram aos trinta e três;
Um morreu em Babilónia; o outro no Calvário.
Um ganhou tudo para si; o outro a Si mesmo Se deu;
Um conquistou todos os tronos; o outro todas as sepulturas.
Um fez-se a si mesmo um deus; o outro, sendo Deus, a Si mesmo
Se humilhou;
Um viveu apenas para o vento; o outro para abençoar.
Ao falecer o Grego, ruiu-se para sempre o seu trono de espadas;
Mas Jesus morreu para viver eternamente como Senhor dos
senhores.
Jesus e Alexandre morreram aos trinta e três;
O Grego escravizou todos os homens; o Judeu libertou todos
os homens.
Um construiu um trono sobre o sangue; o outro sobre o amor;
Um nasceu na Terra; o outro procede do Alto.
Um ganhou toda esta Terra, para perder toda a Terra e o Céu;
O outro deu tudo, para que tudo Lhe fosse dado.
O Grego morreu para sempre; o Judeu vive para sempre;
Ele perde tudo o que obtém e ganha todas as coisas que dá.»

Charles Ross Wedd

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Março de 1989
Ano XLVI • N.º 506

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

**REDACÇÃO E
ADMINISTRAÇÃO:**

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 650\$00
Número Avulso 65\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

Depósito Legal n.º 2705/83

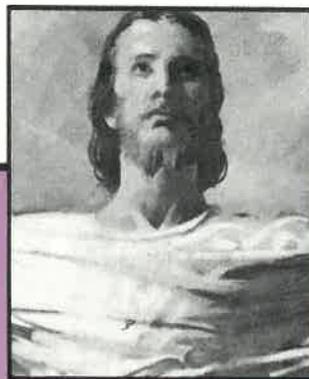
Sumário

- 2 Jesus e Alexandre**
Por Charles Ross Wedd
- 3 Só Jesus**
Por Túlio N. Peverini
- 4 Quem é Jesus?**
Carlos E. Aeschlimann
- 6 Compreende-nos Jesus?**
Por José A. Hernandez
- 8 Como viveu Jesus?**
Por Felix Rios Lopez
- 9 Por que morreu Jesus?**
Por Fritz Guy
- 10 Área Sul**
- 13 Jesus Vive**
Por Norberto Carmona
- 14 Que faz agora Jesus?**
Por M. R. Baptista
- 15 Voltaremos a ver Jesus?**
Por Alberto Nunes
- 16 Que farei de Jesus?**
Por José Carlos Costa
- 17 Notícias do Campo**



Só Jesus

TÚLIO N. PEVERINI



Conheço os homens, e posso assegurar-lhe que Jesus Cristo não é um homem. Mentos superficiais vêem uma semelhança entre Cristo e os fundadores de impérios, e os deuses de outras religiões. Tal semelhança não existe. Entre o Cristianismo e qualquer outra religião há uma distância infinita... Em Cristo, tudo me assombra. O Seu espírito surpreende-me e a Sua vontade confunde-me. Entre Ele e qualquer outra pessoa no mundo não existe termo de comparação possível.»

Estas palavras são de Napoleão Bonaparte. Pronunciou-as na ilha de Santa Helena, ao falar com o general Bertrand, pouco antes de morrer. Para ele, ficara já para trás o torvelinho da acção, com suas vitórias e derrotas, com sua soberba e humilhação. Agora, na quietude do exílio, tinha tempo para meditar, para reconhecer humildemente a incomparável grandeza de Jesus. Uniu assim a sua voz à de tantos outros que têm admirado a figura excelsa do Rabi da Galileia.

Porque é Jesus uma figura central e suprema na História? Que magnetismo irradia a Sua vida e morte que inspirou homens e mulheres de todos os tempos a lançarem-se nos mais nobres empreendimentos ou a enfrentarem os maiores perigos?

Por amor a Jesus, muitos dos Seus seguidores padeceram o martírio, sofreram indiferença, incompreensão e solidão. Por amor a Cristo e para Sua honra e glória, erigiram-se majestosas catedrais, e homens piedosos, como S. Francisco de Assis ou Alberto Schweitzer, dedicaram gozosamente suas vidas ao serviço do próximo.

Por amor a Cristo e para Sua honra e glória, Bach e Handel compuseram soberbas oratórias. El Greco pintou a sua magistral *Agonia no Jardim* e Van Eyck a sua comovedora *Crucifixão*. Lope de Vega e Santa Teresa redigiram as suas melhores páginas.

Por amor a Cristo e para Sua honra e glória, Pascal escreveu os seus *Pensamentos* e Bunyan encontrou inspiração para descrever a viagem do *Peregrino* através do deserto e perigos deste mundo. E também para Sua glória e por amor a Jesus, Dietrich Bonhoeffer caminhou serenamente para a morte e Madre Teresa de Calcutá continua o seu abnegado ministério em favor dos pobres.

Vemos continuamente ao nosso redor pessoas que servem desinteressadamente o seu próximo. Fazem-no em hospitais, prisões, escolas — onde quer que seja necessário — sem esperar recompensa ou aplauso, com simplicidade, porque o amor de Cristo as tocou e as motiva a agir. Haverá outra re-

ligião, outra ideologia, outra personagem que eleve o homem acima de si mesmo e o inspire de modo semelhante?

Como explicar a influência de Jesus e a irresistível atracção que exerce sobre as pessoas de todos os tempos, de todas as latitudes, de todas as culturas?

Só Jesus conhece realmente a Deus e só Ele veio do Céu à Terra para O dar a conhecer (João 1:18). E revelou-O como um Deus de amor, que «amou o mundo de tal maneira, que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele creê não pereça, mas tenha a vida eterna» (3:16).

Só Jesus, sem deixar de ser Deus, Se fez plenamente homem, a fim de compreender-nos e redimir-nos: Pela operação do Espírito Santo, «o Verbo se fez carne e habitou entre nós» (1:14). Que humildade, que condescendência, que amor!

Só Jesus viveu uma vida perfeita, de genuíno amor a Deus e a todos os homens, submetendo-Se inteiramente à vontade do Pai. E essa integridade irrepreensível ofereceu-a Ele a nós, como uma dádiva, para que, ao aceitá-l'O pela fé, fôssemos considerados justos diante de Deus (Rom. 5:10, 19).

Só Jesus morreu de forma vicária, com o coração quebrantado pela culpa dos homens, quando tinha em Sua mão o poder de humilhar os Seus verdugos e livrar-Se da ignomínia, da angústia e da morte (5:8). Mas não o fez, porque nos amava e porque quis dar-nos o perdão, a paz e a redenção.

Só Jesus ressuscitou de forma gloriosa, demonstrando o Seu poder sobre o pecado e a morte, constituindo-Se a nossa Porta para a vida eterna (Mat. 28:1-10).

Só Jesus subiu aos Céus, onde intercede por nós (Heb. 4:14-16; 7:25), donde voltará com poder e majestade para vir buscar-nos e para estabelecer o Seu eterno reino de paz (Luc. 21:27-28).

Só Jesus satisfaz as necessidades do coração humano e mantém viva a nossa esperança. Só Ele nos aceita tal como somos e Se deleita em perdoar-nos e transformar-nos. Só Ele compreende as nossas tristezas e fracassos, e só Ele nos oferece consolação, e ânimo, e companhia.

Não há ninguém como Jesus. N'ele se concentram os tesouros da sabedoria, do poder e do amor. Porque temer, então, os embates da vida ou as perplexidades do amanhã? Cristo é um Salvador eficaz e digno de confiança: «Em nenhum outro há salvação, porque também, debaixo do céu, nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devemos ser salvos» (Actos 4:12). A quem ir, senão a Jesus?

Túlio N. Peverini é director da revista El Centinela, publicada pela Pacific Press Publishing Association.

«No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.»

SUA PREEXISTÊNCIA E OBRA CRIADORA



QUEM É JESUS?

CARLOS E. AESCLHIMANN

Seria tarefa esmagadora fazer reluzir as múltiplas facetas do carácter e vida de Jesus. Ele é o fundador do Cristianismo e o indiscutível meridiano da História. A Sua personalidade excede toda a comparação ou descrição. A Sua grandeza eleva-se a alturas sublimes. A Sua influência nos destinos da humanidade é ilimitada. Dizia Oswald Spengler: «O valor incomparável que eleva o Cristianismo acima de todas as religiões é a figura de Jesus.» E Chateaubriand, na sua obra clássica, *O Génio do Cristianismo*, escreve: «Não há filósofo algum da antiguidade a quem se não recrimine por vício, e até os patriarcas incorreram em fraquezas: só Jesus Cristo brilha sem sombra de qualquer mácula... puro e sagrado como o tabernáculo do Senhor, respirando só amor a Deus e aos homens.»

Contudo, uma das perguntas que mais têm inquietado historiadores e teólo-

gos, fê-la o próprio Jesus aos discípulos: «Quem dizem os homens ser o Filho do homem?» (Mat. 16:13).

No que se refere à Sua natureza, alguns sustentaram que Ele é um ser humano, mas dotado por Deus para realizar tarefas divinas; outros declararam firmemente que Cristo possui a natureza divina. Vários concílios da Igreja — de Niceia, em 325, de Constantinopla, em 381, de Éfeso, em 431, de Caledónia, em 451 e de Constantinopla, no ano 680 — reafirmaram a doutrina da Igreja de que Cristo possuía uma dupla natureza divino-humana e era coexistente com o Pai.

No entanto, ao mesmo tempo, surgiram também várias heresias que perturbaram a Igreja Cristã. Ario negava a coexistência eterna de Cristo com o Pai. Nestório punha em dúvida a natureza divina de Jesus. Eutiques afirmava que Jesus era uni-

camente divino e que a Sua humanidade era aparente. O concílio de Caledónia condenou tais heresias e declarou Cristo como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, perfeito na Sua divindade e sunsubstancial com o Pai, perfeito na Sua humanidade e consubstancial com o homem.

Embora pareça incrível, 1500 anos depois, o tema continua ainda a ser debatido. Alguns negam hoje a existência de Jesus, o que é insustentável, em virtude da grande quantidade de testemunhos históricos, tanto sagrados como seculares. Outros afirmam que Cristo existiu, sim, mas foi apenas um homem bom, e procuram retirar da Sua existência todo o sobrenatural para apresentarem um Cristo «desmitologizado».

Determinar a natureza de Cristo, ou, por outras palavras, responder à pergunta: «Quem é Jesus?» é fundamental para a compreensão da fé cristã e para consolidar a nossa esperança de salvação e vida eterna. Pois uma coisa é ser Jeuss um homem bem intencionado e outra é que tenha poder para salvar.

Divindade e Pré-existência de Jesus

Existem abundantes provas bíblicas para afirmar que

Jesus é, de facto, Deus. Já no Antigo Testamento, Isaías profetizou: «Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz» (Isa. 9:6). E antes até, Moisés tinha dito, referindo-se ao Senhor: «Antes que os montes nascessem, ou que tu formasses a terra e o mundo, sim, de eternidade a eternidade, tu és Deus» (Sal. 90:2).

O próprio Jesus afirmou a Sua divindade ao declarar: «Eu e o Pai somos um» (João 13:30). E na Sua oração por unidade, suplicou: «Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti ...como nós somos um» (João 17:21-22).

Certo dia, em controvérsia com os judeus, estes perguntaram-Lhe: «Quem te fazes tu ser?» E Jesus respondeu: «Antes que Abraão existisse, eu sou» (João 8:53, 58). O termo EU SOU identificava-se linguisticamente com o nome de Deus e declarava categoricamente que Cristo era divino.

Jesus afirmou possuir atributos divinos, tais como: eternidade (João 8:58), onnipotência e omnipresença (Mat. 18:20), e omnisciência (Mat. 11:27). Manifestou poder divino ao operar vários milagres, incluindo a ressurreição de mortos. Atribuiu-Se prerrogativas divinas ao declarar ser o Senhor do Sábado (Marcos 2:18), ao exercer o privilégio de perdoar pecados (Marcos 2:5-9) e ao afirmar ser o Juiz final de todos os homens (Mat. 7:21-23).

Aceitou a homenagem e adoração que pertencem unicamente a Deus.

Os apóstolos ensinaram também, categoricamente, a divindade de Jesus. João, ao falar d'Ele, disse: «Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna» (I João 5:20). Paulo chama-Lhe «Grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo» (Tito 2:13), e acrescenta: «Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade» (Col. 2:9).

Bases da Fé Cristã

Desta doutrina derivam alguns pontos básicos da fé cristã. *Primeiro*: que Jesus

pré-existiu desde a eternidade. Ele mesmo pronunciou as seguintes palavras: «Agora, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo, antes que o mundo existisse» (João 17:5). *Segundo*: que Jesus é o Criador. Foi Ele quem fez o mundo e tudo o que nele há, incluindo o ser humano. «Porque nele foram criadas todas as coisas que há, nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades: tudo foi criado por ele e para ele» (Col. 1:16). *Terceiro*: Jesus, sendo Deus, num acto de

amor, encarnou e fez-Se homem, a fim de salvar a humanidade. «Mas vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei» (Gál. 4:4).

O comentário bíblico, *The SDA Bible Commentary*, resume assim este tema: «Cristo é Deus no sentido pleno e absoluto da palavra, e é verdadeiro homem em todo o aspecto, embora sem pecado. Na encarnação, a divindade e a humanidade uniram-se inseparavelmente na pessoa de Jesus Cristo. Todavia, cada natureza foi preservada intacta e distinta uma da outra. Cristo é Deus

... em natureza, em sabedoria, em autoridade e em poder.» (Vol. 5, pp. 911, 917).

O apóstolo João aplica a Jesus o qualificativo de *Logos*, o «Verbo», expressando de forma magistral quem é Jesus: «No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele, nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens» (João 1:1-4).

Conclusão

Jesus Cristo, o fundador da Igreja Cristã, não é outro senão Deus o Filho, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. Existiu junto com o Pai desde a eternidade e foi quem criou todas as coisas e as sustenta com o Seu poder. Mas, num acto de amor infinito, tomou a forma humana — encarnou — a fim de poder salvar o homem e ofertar-lhe a vida eterna.

O mais extraordinário é que este Ser Todo-Poderoso é também o nosso único Salvador, e oferece-Se para habitar no nosso coração e ajudar-nos em todos os problemas da nossa vida. Quem é Jesus? Como cristãos, podemos afirmar com absoluta convicção, tal como o apóstolo Tomé: «Senhor meu, e Deus meu!» (João 20:28).

Carlos E. Aeschlimann é director-adjunto do Departamento da Associação Ministerial da Conferência Geral e responsável mundial de Coletânea 90.

JEOVÁ E JESUS

Abundam na Bíblia as comparações entre Jeová e Jesus, para mostrar-nos qual a sublimidade do Salvador do mundo. Sua dignidade e autoridade estão ao mesmo nível das do Pai, sendo garantia absoluta da nossa salvação.

O GRANDE «EU SOU»

Jeová: «EU SOU O QUE SOU... Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós» (Êxo. 3:14).

Jesus: «Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão existisse, EU SOU» (João 8:58).

O PRIMEIRO E O ÚLTIMO

Jeová: «Eu sou o primeiro, e eu sou o último» (Isa. 44:6).

Jesus: «Não temas; Eu sou o primeiro e o último» (Apoc. 1:17; 2:8).

AMBOS REDENTORES

Jeová: «Nosso Redentor, o Santo de Israel» (Isa. 47:4).

Jesus: «Em quem temos a redenção pelo seu sangue». «Pela redenção que há em Cristo Jesus» (Col. 1:14; Rom. 3:24).

AMBOS SÃO A ROCHA

Jeová: «Senhor é a minha rocha e o meu lugar forte» «Rocha da nossa salvação» (Sal. 18:2; 95:1).

Jesus: «Ponho em Sião a pedra principal da esquina, eleita e preciosa» «E a rocha era Cristo» (I Ped. 2:6; I Cor. 10:4).

AMBOS SÃO O BOM PASTOR

Jeová: «O Senhor é o meu pastor». «Eu apascentarei as minhas ovelhas» (Sal. 23:1; Ezeq. 34:15).

Jesus: «Eu sou o bom pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido» (João 10:14-15).

AMBOS SÃO ETERNOS

Jeová: «Invocou lá o nome do Senhor, Deus eterno». «Não ouviste que o eterno Deus, o Senhor, o Criador...» (Gén. 21:23; Isa. 40:28).

Jesus: «Um menino nos nasceu... seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade». «...cujas saídas são ...desde os dias da eternidade» (Isa. 9:6; Miq. 5:2).

«E o Verbo
se fez carne
e habitou
entre nós.»



SUA ENCARNAÇÃO

JOSÉ A. HERNANDEZ

COMPREENDE-NOS JESUS?

Jaime V, rei da Escócia (1513-1542), de vez em quando vestia roupa comum do povo e viajava livremente pelo seu território, travando amizade com gente humilde, observando como viviam, conhecendo o meio ambiente em que trabalhavam, estudando as dificuldades que tinham de enfrentar e partilhando suas alegrias e tristezas. Quando regressava ao seu trono, estava em condições de governar melhor o seu povo. O facto de ter vivido intimamente com os seus vassallos e de conhecer bem a sua condição tornava natural que fosse paciente e misericordioso com eles.

Jesus Cristo, o Filho de Deus, deixou as glórias do Céu e veio a este mundo viver com a humanidade. Sendo Deus, fez-Se homem. Tomou a natureza humana e foi concebido no ventre da Virgem Maria. Nasceu, desenvolveu-Se, identificando-Se plenamente com a raça humana.



A encarnação de Cristo é um *mistério*. As Sagradas Escrituras chamam «mistério» às verdades que não se poderiam compreender sem uma revelação especial de Deus. Jesus explicou algumas destas verdades aos discípulos:

«Porque a vós é dado conhecer os mistérios do rei-

no dos Céus, mas a eles [os que não obedecem à Sua Palavra] não lhes é dado» (Mat. 13:11). E o apóstolo Paulo escreveu: «...Se é que tendes ouvido falar da dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada; como me foi este mistério manifestado pela revelação... Pelo que, quando le-

des, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo, o qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens, como agora tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas» (Efés. 3:1-6). E logo a seguir explica que esse mistério é a participação de todos nas promessas e na salvação de Cristo, o que a Sua encarnação tornou possível.

O «mistério» da encarnação será estudado por toda a eternidade. Esse fascinante estudo não terminará jamais, porque a encarnação é o meio supremo da revelação divina. Por meio dela assumiu Jesus o papel de «segundo Adão» (I Cor. 15:45, 47), representante da raça humana, e na qualidade de Deus-Homem pode mediar entre Deus e os homens. A Sua encarnação levou a que conhecesse o sofrimento e isso permite-Lhe compreender de modo especial a experiência por que passa a humanidade. Levou-O a sofrer

a morte, castigo que cabia ao homem como consequência dos seus pecados.

É maravilhoso pensar que Jesus, o Filho de Deus, morreu para tornar possível a nossa salvação. É emocionante saber que ressuscitou dos mortos como «primícias» da nossa ressurreição, dando-nos assim uma esperança segura de ressuscitarmos um dia (I Cor. 15:12-20).

Leitor amigo, Jesus nunca deixou de ser Deus. Quando foi baptizado, o Pai proclamou a Seu respeito: «Este é o meu Filho amado» (Marcos 1:11).

Jesus esteve sempre consciente de que era o Enviado do Pai. Por isso, em conversa franca com os discípulos, afirmou: «Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida: ninguém vem ao Pai senão por mim. Se vós me conhecêdes a mim, também conhecereis a meu Pai, e desde agora o conheceis e o tendes visto.» E quando Filipe lhe pede para que lhes mostre o Pai, Jesus responde: «Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim vê o Pai: e como dizer tu: Mostra-nos o Pai?» (João 14:6-9). Quando foi preso e levado perante o sumo sacerdote, e que este lhe perguntou: «És tu o Cristo, Filho do Deus Bendito?» Jesus respondeu: «Eu o sou» (Marcos 14:61, 62).

Encarnação total

Mas o mais maravilhoso a respeito da encarnação é que Deus Filho foi também plenamente homem. A Sua encarnação foi completa. Jesus despojou-Se da Sua glória e da Sua forma de Deus. Esse Ser Omnipotente limitou-Se

— incompreensível para nós — a ser um humilde carpinteiro de Nazaré. Esse Ser Omnisciente aprendeu as coisas espirituais nos livros de Sua mãe e nos rolos dos profetas.

A Bíblia Sagrada apresenta várias características de Jesus, que confirmam a Sua natureza humana: «E crescia Jesus em sabedoria e em estatura» (Luc. 2:52); sentia cansaço (João 19:28); Jesus chorou (João 11:35); sentiu agonia e suou (Luc. 22:44); morreu (I Cor. 15:3). Não existe dúvida alguma quando à encarnação de Jesus, pois todas estas características testificam da Sua humanidade.

Creio de todo o coração que Jesus existia antes de vir a este mundo, que era Deus e Se fez homem semelhante a nós, que foi tentado em tudo, perseguido, açoitado, vituperado e morto numa cruz;

que Ele é o mesmo Cristo que ressuscitou e ascendeu ao Céu, e que está à destra do Pai, intercedendo agora por mim.

Jesus o nosso Advogado

Ele é o meu Advogado. Conhece todas as minhas virtudes, todos os meus defeitos, as minhas lacunas e fraquezas. Conhece as minhas dúvidas, os meus temores, todos os meus pecados. Ele é quem melhor me compreende, pois sofreu a tentação em todos os aspectos de que ela se possa revestir. Só que, diferente de mim, Ele viveu sem pecado. Compreende as minhas limitações, conhece as minhas faltas, e sem Se importar quanto eu me tenha afastado d'Ele, nem quão profundamente eu tenha caído em pecado, Ele está pronto a dar-me a mão, a erguer-me a um nível espiritual que me

permita dar passos certos no caminho da salvação, até chegar ao lar celestial.

«Uma vez que temos um sumo-sacerdote tão importante, Jesus, o Filho de Deus, que chegou até à presença do próprio Deus, estejamos firmes na nossa fé. O nosso sumo-sacerdote não é como aqueles que são incapazes de sentir compaixão pelas nossas fraquezas. Pelo contrário, é alguém que foi tentado em tudo como nós, só que não caiu no pecado. Aproximemo-nos, pois, do trono do Deus misericordioso, com toda a confiança. E assim conseguiremos receber misericórdia e bondade e encontrar ajuda no momento próprio» (Hebreus 4:14-16, versão *A Boa Nova Para Toda a Gente*).

José A. Hernandez é pastor da igreja de Apopka, na Florida, EUA.

JESUS NA LITERATURA

«Se eu tivesse vivido no tempo de Jesus, tê-l'O-ia seguido, teria sido um dos Seus discípulos, e não um dos que ao jogo disputaram a Sua bem pequena herança, mas um dos fiéis, dos bons... Tão real e tão profundo é o amor que sinto por Ele, e de tal modo a Sua história me arrebatava, que todos os anos a sigo, de Belém ao Calvário.» — *João Montalvo*, Equador.

«Eu não quero fazer de Jesus nem um homem triste nem um Deus imóvel, desumanizado, longe de nós no espaço infinito; desejaria humanizá-l'O como animador romântico de cada consciência para aperfeiçoar o homem em pensamento e acção.» — *Ricardo Rojas*, Argentino.

«Grande é a religião do poder, mas maior é a religião do amor; grande é Deus no Sinai, dando um código ao Seu povo, mas maior é Ele no Calvário, selando-o com o Seu sangue.» — *Emílio Castelar*, Espanha.

«Quando compreendi as palavras de Jesus, a vida e a morte deixaram de ser um mal. Em vez de desalento, senti uma alegria e felicidade que nem a morte me poderá tirar.» — *Leão Tolstói*, Rússia.

«Como homem, Jesus padeceu sede, e todavia tinha dito: 'O que tiver sede, venha a mim.' Sentiu, por vezes, cansaço, e é o nosso repouso. Pagou tributo como vassalo, e era o Rei dos reis. Foi chamado diabo, e expulsou os demónios. Orou, e é Ele quem ouve as nossas orações. Chorou, e é quem seca as nossas lágrimas. Foi vendido por trinta moedas de prata, e é Ele o resgate do mundo.» — *Gregório Nazianzo*, Capadócia, Ásia Menor.

«O Filho do homem não veio para ser servido, mas para dar a sua vida em resgate de muitos.»

SEU MINISTÉRIO



COMO VIVEU JESUS?

FELIX RIOS LOPEZ

Jesus viveu para servir, para suprir as necessidades dos pobres e sofredores. Comprazia-Se em ajudar a todos os que Lhe pediam ajuda, fossem parálíticos, cegos, leprosos, endemoninhados ou grandes pecadores. Jesus procurou mentalizar os homens de que «mais bem-aventurada coisa é dar do que receber» (Actos 20:35).

Porque procedeu Jesus assim? Porque o amor não é um impulso, mas um princípio. O amor beneficia o próximo. Amar é entregar-se aos outros em serviço, é partilhar a nossa existência: tempo, bens, conhecimentos, sentimentos. Amar a Deus e ao próximo é sinónimo de serviço abnegado.

O caminho da felicidade

Todos desejam ser felizes. A diferença está em descobrir como alcançar a felicidade.

Alberto Schweitzer (1875-1965), prémio Nobel da Paz (1952) e fundador-director do hospital de Lambarene, no Gabão, disse um dia: «Uma coisa sei: os únicos de vós que serão realmente felizes serão os que buscarem e encontrarem uma maneira de servir.»

Jesus encontrou o caminho da felicidade no serviço amorável e desinteressado em favor dos Seus semelhantes. Foi um homem feliz, porque a Sua vida foi um constante serviço aos outros.

A verdadeira grandeza

Os discípulos tinham uma ideia errada acerca da verdadeira grandeza. Pensavam que um homem era importante quando exercia autoridade. O Senhor dirigiu os olhos deles para o serviço abnegado, para a cruz, a fim de que aprendessem a substituir essa espécie de grandeza pelo serviço de amor em favor do próximo.

Certo dia, quando houve uma discussão entre eles, sobre quem seria o maior, Jesus disse-lhes: «Pois, qual é maior: quem está à mesa, ou quem serve? Porventura não é quem está à mesa? Eu, porém, entre vós, sou como aquele que serve» (Luc. 22:24-27).

Jesus ia ao encontro das necessidades humanas

Jesus não Se limitou a pregar e a ensinar. O Seu ministério incluía também sa-



rar os doentes, limpar o templo, elevar a posição da mulher na sociedade e estabelecer os princípios básicos da mais elevada justiça social que a história humana já conheceu. Um desses grandes actos de misericórdia foi a cura do parálítico junto ao tanque de Betesda.

Betesda tinha cinco pórticos. Esse lugar era a esperança de muitos doentes de Jerusalém. Dizia-se que um anjo descia por vezes do Céu e agitava as águas. Então, quem primeiro entrasse nelas era curado (João 5:2-4). Os doentes esperavam ansiosamente ouvir o ruído das águas, e empurravam-se, e atropelavam-se uns aos outros, porque todos queriam chegar primeiro.

Entre os doentes que se aglomeravam nos pórticos daquele tanque, havia um homem, parálítico há 38 anos, devido aos seus pecados (João 5:14). A sua incapacidade pessoal e a falta de familiares ou amigos que o ajudassem impedia-o de chegar à água quando esta começava a agitar-se.

Jesus passou junto ao tanque e parou ao pé daquele parálítico. Viu a triste condição em que ele se achava e perguntou-lhe: «Queres ficar são?» O doente respondeu falando-Lhe da sua impossibilidade de chegar à água e ser curado. Jesus ordenou-lhe, então, com suprema autoridade: «Levanta-te, e toma a tua cama, e anda.» E o homem obedeceu, e foi curado (João 5:6-9).

A obra básica da vida de Jesus foi o serviço cristão. A Sua vida constituiu-se exemplo vivo do «Servo Sofredor» de que fala o profeta do Evangelho — Isaías 53. O amor era a essência da obra de Jesus. A religião de Cristo foi mais do que perdoar os pecados: foi servir.

«O Filho do homem, declarou Jesus, não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos» (Mat. 23:28).

Felix Rios Lopes é pastor nos EUA.

SUA CRUCIFICAÇÃO



«No qual temos a redenção,
pelo seu sangue,
a remissão dos pecados,
segundo a riqueza
da sua graça.»

FRITZ GUY

cifixão, em vez de ser o fim dramático e trágico do Fundador do Cristianismo, constitui o principal tema dos Seus seguidores e o coração da fé cristã.

A morte de Jesus é *única*, porque era a *única* maneira de Deus resolver o problema do pecado e dos pecadores. Por isso, o que parecia tragédia constituiu-se a boa nova para o cristão: «Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna» (João 3:16).

voluntário, um resgate espiritual das garras de um poder estranho (Mat. 20:28; I Tim. 2:6; Heb. 9:12. I Ped. 1:18-19).

Outras vezes, a Sua morte é referida como *sacrifício* ou *oferenda* (Heb. 9:26; 10:10, 12), mas não com o intuito de aplacar um Deus hostil, porque, afinal, foi o amor do Pai que tornou possível a salvação do homem. E fê-lo a um preço infinito.

A Bíblia fala também da morte de Cristo como uma *vitória*, porque, com ela, Jesus desferiu um golpe mor-

POR QUE MORREU JESUS?

O mais importante acerca da morte de Jesus não é quando, nem onde, nem como Jesus morreu, mas porque morreu e o que obteve com a Sua morte.

Todos ouviram já o relato da morte de Jesus e como Ele foi crucificado devido a falsas acusações de subversão política e religiosa.

É certo que antes e depois de Jesus milhares de pessoas morreram também em cruzes romanas, e que Jesus não foi o único grande mestre a ser condenado pelo seu povo. Quatrocentos anos antes de Jesus, os gregos condenaram Sócrates só porque temiam a sua má influência sobre a juventude ateniense.

O mais importante acerca da morte de Jesus radica na causa por que Ele morreu e no que conquistou com a Sua morte. Estas duas razões fazem da morte de Cristo algo de transcendente e explicam porque a cru-

A morte de Jesus é *única* porque Jesus é *único*. Sendo a viva revelação do Pai, Jesus faz o que Deus faz: ama, cuida, perdoa e restaura os seres humanos, revelando assim o Pai. A Sua morte não aniquilou a Sua existência, e a Sua ressurreição, historicamente comprovada, demonstra que Jesus era de facto quem afirmava ser. Era e é, como disse um dos discípulos, «O Cristo, filho do Deus vivo» (Mat. 16:16). O Cristianismo alicerça-se nesta verdade como numa rocha,

A morte de Jesus alcançou algo de tão profundo e tão abarcante que o Novo Testamento usa diversas palavras para o descrever. Às vezes, fala de *resgate* ou *redenção*, o que indica que a morte de Jesus foi um acto

tal sobre o inimigo e demonstrou, uma vez por todas, a justiça do governo de Deus.

A Sua morte é ainda designada como um acto de *purificação* ou *salvação*, indicando assim que ela produz uma transformação na condição humana, purificando os homens dos seus pecados e faltas (I Ped. 2:24; I João 1:7).

A morte de Jesus é igualmente designada como o *dom da vida eterna*, porque ela torna possível uma existência de renovada qualidade e de duração infinita (João 3:16, 36; 11:2/, 26; Rom. 6:23).

Não raro, as Escrituras usam o termo *justificação* ou *reconciliação* para descrever a morte do Salvador, porque esse é, de facto, o meio pelo qual os seres humanos são

ÁREA SUL



Elementos Representativos da Área Sul

1. Conselho da União: *Esmeraldo Morais*
2. Conselho do Lapi: *a nomear*
3. Conselho de Publicações: *José Baptista*

Estatística Colheita 90 (Julho 1985 a Dezembro 1988)

	Baptismos	Número actual de membros
Castelo Branco	15	44
Comenda	10	50
Évora	13	37
Faro	8	43
Lagoa	7	32
Lapi-V. Queimado	7	79
Ponte de Sor	4	25
Portalegre	12	132
Portimão	6	52
Ribeira de Nisa	4	41
Salvaterra de Magos	11	100
Setúbal	17	217
V. Real St. António	9	37
Total	123	889

Objectivos

1. Abertura de salas em:

- Beja
- Moura
- Nisa

2. Colportagem

Há vários colportores em cujas áreas não existem salas ou trabalho missionário.

Cada um deveria ter como alvo concretizar, até ao fim da colheita 90 (Junho 1990), a abertura de um foco de luz no seu território.

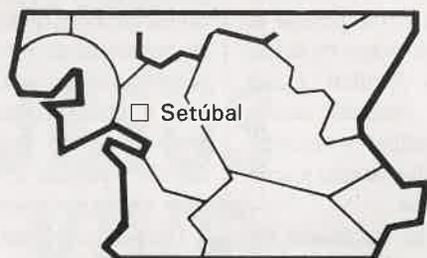
3. Evangelização

- a) Aumento dos Seminários do Apocalipse em cada igreja.
- b) Acção dos Grupos Maranata em cada igreja.

4. Reconstrução da Sala de S. Julião para culto e actividades de jovens.

5. Novo campo de férias em Almogrove.

Escolas



Escola Primária de Setúbal

Directora:

Leonilde Dias

Professoras:

Lígia Graça, Paula Rego, Anabela Torres e Dina Carmo

Alunos Inscritos: 105

Conselho Escolar:

Eduardo Graça, Leonilde Dias, Cipriano Baptista, Lígia Graça, Anabela Torres, Eduardo Gancho, Maria Augusta Moreira.

L.A.P.I.

Lar Adventista Para Pessoas Idosas

Vale Queimado — 2120 Salvaterra de Magos
Tel. (063) 54510

Directora: *Conceição Oliveira*

Administrador: *Manuel Oliveira*

Pessoal Auxiliar: *Rosalina Gonçalves, Rosa Simõesinho, Maria Libânio, Edite Libânio, Lucília Pina, Maria Bazílio, Adelaide Ribeiro.*

Médico: *Dr. Daniel Esteves*

Enfermeiro: *Pr. José Sá*

Pastor: *Manuel Oliveira*

Residentes: 35

Secção de Pero Negro

Largo da Estação — Pero Negro
Sobral de Monte Agraço
Tel. (061) 76119

Directora: *Ricardina Lopes*

Residentes: 19

Colportagem

Adjunto do Departamento Responsável pela Área Sul: *José Baptista*

Colportores e suas áreas:

José Teixeira (acr) — Barreiro, Moita, Montijo, Alcochete

Brás Sotero (aut) — Setúbal, Sesimbra, Palmela, Alcácer do Sal, Grândola, Águas de Moura, Pegões Velhos

Manuel Fernandes (aut) — Gavião, Nisa, Portalegre, C. Vide, Marvão, Arronches, Elvas, C. Maior, P. Sor, Crato, Alter do Chão, Monforte, Fronteira, Sousel, Avis

Francisco Carvalho (acr) — Vila Franca, P. S. Iria, Azambuja, Alverca, Alcoentre.

Virgílio Faustino (acr) — Barrancos, Aljustrel, Ourique, Almodôvar, Mértola, C. Verde, F. Alentejo, Alvito, Cuba, Vidigueira, Beja, Serpa, Moura.

Lídia Mendes (aut) — Loulé, Albufeira, Silves, Lagoa, Monchique, Lagos, V. Bispo, Aljezur.

Neuza Glória: (est) — Portimão

Palmira Machado (est) — Faro, Alportel, Olhão, Tavira, Vila Real St.º António, Castro Marim, Alcoutim

aceites por Deus e restaurados a uma relação de franqueza e confiança n'Ele (Rom. 5:10; II Cor. 5:18-20; Efés. 2:16; Col. 1:19-23).

Resgate e sacrifício, vitória, purificação e dom de vida eterna exprimem e comunicam a certeza de que podemos ser salvos através da morte de Jesus. Surge, no entanto, a pergunta: De que nos salva Jesus?

1. Somos salvos da tirania da culpa. A morte de Cristo não significa que Deus ignore os nossos pecados. Deus não passa por alto o pecado cometido; mas o nosso pecado deixa de ser uma razão para destruir a nossa relação com Deus. A morte de Jesus é a prova de que não somos abandonados por Deus. Se reconhecermos o nosso pecado, poderemos reconhecer a verdade de que Deus ainda nos ama.

2. Somos salvos da frustração de tentar ser «suficientemente bons» para obter a salvação. Não temos de depender da suficiência dos nossos conceitos teológicos ou da perfeição da nossa conduta moral. Devemos fazer o nosso melhor para compreender as verdades religiosas, para sentir a presença de Deus e para fazer a vontade divina, mas a base da nossa segurança não reside na qualidade da nossa actuação, mas naquilo que Deus prometeu e cumpriu com a morte de Jesus.

3. Assim como somos libertos da nossa culpa e da dependência das nossas obras, também somos libertos do nosso egoísmo e, por conseguinte, podemos viver sem preocupações. Quando compreendemos que a nossa salvação não depende de nós, mas da morte de Jesus, libertamo-nos dessa preocupação. E tal liberdade

garante-nos maior êxito na luta contra o pecado e em viver para o bem do próximo e para honra e glória de Deus.

4. A morte de Jesus significa que somos libertos da dívida quanto ao controlo de Deus nas nossas vidas e na história humana. Esta manifestação da solicitude divina pelos seres humanos convence-nos de que «todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto», porque «se Deus é por nós, quem será contra nós?» (Rom. 8:28, 31).

5. Graças à morte de Jesus, somos libertos do carácter definitivo da morte e recebemos a certeza da vida eterna com Deus. A morte deixa de constituir ameaça e terror. Esperança e luz ocupam para sempre o seu lugar.

A morte de Jesus salva-nos das consequências do nosso pecado, trazendo-nos de novo a uma adequada relação com Deus — restabelecendo a relação que o pecado interrompera.

O pecado não é apenas transgressão da lei de Deus; é também traição da confiança e destruição de uma relação; é negar-se a reconhecer Deus como Deus; é um acto de rebelião mediante o qual nos constituímos o nosso próprio Deus.

O pecado não só quebranta a lei; quebranta também relações sérias e interpessoais. Quando um casamento se dissolve devido a traição da confiança conjugal, não há dinheiro que o possa reparar; o remédio para uma tal situação é restaurar a relação. Este é o significado da reconciliação, a qual inclui, de uma parte, genuíno perdão, e da outra, aceitação

desse perdão. Nas relações humanas, acontece frequentemente que uma pessoa se encontra em ambos os lados: precisando perdoar e ser perdoado. Quando ambos partilham culpas, a reconciliação envolve perdão e aceitação mútuos.

Quando as Escrituras dizem que «o salário do pecado é a morte» (Rom. 6:23), temos de compreender esse salário não é uma vingança divina, mas tão-somente a natural consequência da separação que o pecado introduz entre Deus e as Suas criaturas. Deus é a fonte da vida: se nos separarmos desta fonte, morreremos inevitavelmente. A iniciativa da separação é nossa, nunca de Deus.

Deus ama a Seus filhos e filhas e por isso designou-nos para vivermos uma relação de íntima comunhão com Ele. Por um lado, Deus não pode dizer que o pecado não aconteceu, que tudo está bem, porque o Seu amor é também santidade, justiça absoluta, honestidade, integridade e verdade. A essência de Deus — amor e santidade — não pode ignorar o pecado, mas age de modo a eliminá-lo.

Por outro lado, Deus não pode abandonar o homem no caos em que ele se meteu, pois sabe que o homem não pode salvar-se pelas suas próprias forças. Assim, Deus resolveu o problema do pecado e suas consequências reconciliando consigo a família humana.

Todavia, o facto de perdoar o homem não leva Deus a ignorar o pecado; pelo contrário, o Seu perdão reconhece e declara o que o pecado é, na realidade. Quando Deus, num acto de amor, nos perdoa, a maldade do pecado torna-se ainda mais

evidente. Ao aceitarmos o perdão, precisamos de abandonar também qualquer falsa pretensão de inocência e admitir o mal que interrompeu a nossa relação com Deus. A única maneira de aceitar o perdão do Ofendido é assumir a nossa culpa.

O perdão de Deus operou-se através da morte do Seu Filho unigénito. Jesus tinha que morrer, porque o perdão, tal como o amor, não é uma simples atitude, mas um acto. Não é algo que apenas se sintam; é algo que se dá. É impossível perdoar de verdade e guardar segredo desse perdão; e uma pessoa só está realmente perdoada quando o sabe.

A morte de Cristo não é um acto exigido por um Deus irritado, mas a dádiva de um Deus amante. Através de Jesus, Deus deu-nos a certeza absoluta de que é nosso Amigo, apesar do estado pecaminoso em que nos encontramos. Satanás é que é o inimigo que procura a nossa destruição final.

A morte de Jesus é a solução divina para o pecado e suas consequências. Quando compreendemos a razão por que Jesus morreu e em resposta fazemos do perdão de Deus o centro da nossa vida, permitindo que seja a motivação básica de tudo quanto fazemos, e o utilizamos para compreender o significado de tudo o que nos acontece, isso significa que fomos verdadeiramente libertados da tirania da culpa, do egoísmo, da ansiedade e da morte.

Sim, a morte de Jesus foi transcendental. Significa vida para todo aquele que O aceita!

Fritz Guy, doutor em teologia, é pastor e professor em Redlands, na Califórnia.

NORBERTO CARMONA

JESUS VIVE

SUA RESSURREIÇÃO



«Porque buscais
o vivente
entre os mortos?
Não está aqui,
mas ressuscitou.»

O ser humano deseja viver, mas sabe que terá de morrer um dia. Quando chega o momento de deixar este mundo, surge a pergunta: Haverá vida depois da morte?

Quando Jesus morreu, a natureza vestiu-se de luto: as trevas cobriram a terra e esta foi sacudida por violento terremoto (Mat. 27:51).

As esperanças dos discípulos desmoronaram-se, porque eles pensavam que chegara o fim dos seus anelos de uma vida melhor. As autoridades romanas estabeleceram medidas de segurança extremas: reforçaram a guarda junto ao túmulo de Jesus, taparam a entrada deste com uma enorme pedra e selaram-no (Mat. 25:62-66). Temiam que os discípulos roubassem o corpo e a seguir proclamassem que Jesus tinha ressuscitado.

Os inimigos de Jesus pensaram que a Sua morte era o fim do Seu movimento e da Sua igreja. Hoje ainda, há muitos que assim pensam e afirmam juntamente com Nietzsche: «Deus morreu». Mas esquecem que o sepulcro não pôde reter Jesus, porque Ele é o Filho de Deus e tem vida em Si mesmo (João 5:26; 10:17-18).

No primeiro dia da semana, aconteceu algo de ex-

traordinário: «Houvera um grande terremoto, porque um anjo do Senhor, descendo do céu, chegou, removendo a pedra, ... e o seu aspecto era como um relâmpago... E os guardas, com medo dele, ficaram muito assombrados, e como mortos» (Mat. 28:14). E Cristo saiu do túmulo, proclamando: «Eu sou a ressurreição e a vida» (João 11:25).

Um terremoto assinalou o momento em que Cristo pôs a Sua vida, e outro terremoto marcou o instante em que a volveu a tomar. Jesus venceu a morte e a sepultura!

Para os antigos habitantes da Europa e Ásia, a Terra acabava junto às colunas de Hércules, a actual Gibraltar. Os navegantes não deviam aventurar-se além desse limite. Segundo uma lenda, Hércules, deus da mitologia grega, escrevera junto do Ábila e do Calpe¹ umas palavras que foram vertidas em latim: «Non Plus Ultra» [Não mais além]. Mas depois das grandes navegações do sec. XVI, pôde-se dizer-se: Mais além! Jesus ressuscitou e com a Sua ressurreição iluminou a morte e o sepulcro «mais além» de todas as expectativas humanas e encontra-Se agora à destra do Pai para interceder por nós (Actos 4:14-16; 7:25).

Cristo venceu a morte e o túmulo e a Sua vitória garante-nos que há vida «mais além» da morte. Por isso, Paulo escreveu: «Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó sepultura, a tua vitória? (I Cor. 15:54-56). E Jesus, já glorificado, diz a João: «Não temas. Eu sou o primeiro e o último; E o que vivo e fui morto, mais eis aqui estou vivo para todo o sempre... E tenho as chaves da morte e do inferno [Hades = sepulcro]» (Apoc. 1:17-18).

A Palavra de Deus compara a morte ao sono (João 11:11-13; Marcos 5:39), porque a morte não poderá encerrar para sempre os seguidores de Jesus. Assim como Jesus ressuscitou dos mortos, todos os que n'Ele crêem de todo o coração, hão-de ressuscitar um dia.

A ressurreição de Jesus, juntamente com a Sua crucifixão, constitui o acontecimento central do plano da redenção. A nossa salvação depende do triunfo que Jesus alcançou sobre os poderes satânicos, quando saiu vitorioso do túmulo e com um corpo glorificado. O maior milagre de Jesus foi a Sua própria ressurreição. Jesus é o Deus do impossível.

Jesus ressuscitou! O meu Deus vive!

A maior prova da ressurreição de Jesus encontra-se na vida e testemunho dos que n'Ele crêem, porque a presença de Jesus imprime nova vida e novo modo de viver aos Seus seguidores. Os que ressuscitam da condição mortal do pecado para uma nova vida de justiça, viviam antes em escravidão espiritual; mas agora desfrutam de liberdade em Cristo. Por isso estão nas melhores condições para proclamar ao mundo que Jesus ressuscitou.

Jesus vive! E porque Ele vive, nós viveremos também! Foi Jesus quem o garantiu junto ao túmulo do Seu amigo Lázaro: «Eu sou a ressurreição e a vida: quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá» (João 11:25).

Que oferta grandiosa e gratuita nos é oferecida! E Jesus apela: «Eis que estou à porta e bato: Se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo» (Apoca. 3:20).

¹ Ábila, montanha de África que, juntamente com o monte Calpe, em Espanha, formam as Colunas de Hércules.

Norberto Carmona é pastor e administrativo em Barquisimeto, Venezuela.

«Pode também
salvar perfeitamente
os que se acercam
de Deus,
vivendo sempre
para interceder
por eles.»



SUA INTERCESSÃO

M. R. BAPTISTA

QUE FAZ AGORA JESUS?

O pastor Pedro Geli conta que foi um dia à prisão, visitar um jovem que, em estado de embriaguês, atropelara uma pessoa. Esse jovem não falava inglês e não tinha documentos nem para estar nos Estados Unidos nem para conduzir.

Quando o jovem o viu, pensou que se tratava de um advogado e, chorando, pediu-lhe por tudo que o ajudasse a sair da prisão. O pastor disse-lhe que não era advogado, mas que, de facto conhecia um Advogado muito bom, que nunca tinha perdido nenhuma causa.

— Quero esse Advogado! Por favor! Onde está? Pensou um pouco, e a seguir disse com ar desanimado: Com certeza que leva muito dinheiro, e eu não tenho nada nem ninguém!

— Não se preocupe. A sua conta já está paga. Ele mesmo a pagou.

O rapaz não conseguia perceber. Então ele abriu a sua Bíblia e leu-lhe o seguinte: «Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo para que não pequeis; mas, se alguém pecar, temos um Advogado para

com Deus o Pai, Jesus Cristo, o justo» (I João 2:1). «Ele [Jesus] é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça» (I João 1:9).

Pouco depois, o jovem saiu milagrosamente da prisão e regressou ao seu país de origem. Ali relatou como Jesus, o seu Advogado, agira em seu favor e o libertara da prisão. Como resultado do seu testemunho, várias pessoas aceitaram a Jesus.

Cristo é, na verdade, o nosso Advogado. Pese embora o facto de esta função do nosso Salvador ser pouco conhecida, o certo é que «a intercessão de Jesus Cristo no santuário celestial, em prol do homem, é tão essencial ao plano da salvação como o foi a Sua morte sobre a cruz» (*O Grande Conflito*, cap. 28, p. 392).

A Bíblia é extremamente elucidativa quanto à função intercessora de Jesus. Apresenta-nos Cristo como Aquele que oficia no céu em nosso favor, sendo o «Mediador de uma nova aliança» (Heb. 9:15), nosso eterno «Fiador» (Heb. 7:22), «vivendo sempre

para interceder por nós» (Heb. 7:25).

Jesus é um Advogado que nos compreende. Sabe por experiência o que é ser tentado: «Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Cheguemo-nos pois com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno» (Heb. 4:15-16).

Jesus não nos condena: Ele mesmo disse que «Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele» (João 3:17). O acusador dos irmãos é Satanás, que «anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa trazer» (I Ped. 5:8).

«Enquanto Jesus faz a defesa dos súbditos da Sua graça, Satanás acusa-os diante de Deus como transgressores. O grande enganador procurou levá-los ao cepticismo, fazendo-os perder a confiança em Deus, separar-se do Seu amor e violar a Sua lei. Agora aponta para o relatório da sua vida, para os defeitos do seu carácter, para todos os pecados que ele os tentou a cometer; e por causa disto, reclama-os como seus súbditos.

«Jesus não lhes justifica os pecados, mas apresenta o seu arrependimento e fé, e, reclamando o perdão para eles, ergue as mãos feridas perante o

Pai e os santos anjos, dizendo: 'Conheço-os pelo nome. Gravei-os na palma da das minhas mãos... O Senhor te repreenda, ó Satanás!'» (*O Grande Conflito*, pp. 388, 389).

Mas o nosso Advogado vai mais longe. Deseja que partilhemos com Ele a Sua glória: «Ao que vencer, lhe concederei que se assente comigo, no meu trono, assim como eu venci, e me assentei com meu Pai, no seu trono» (Apc. 3:21). Ele mesmo apresentará a Sua igreja «sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante». «Naqueles dias e naquele tempo, diz o Senhor, buscar-se-á a maldade de Israel e não será achada» Jer. 50:20). Porquê? «Porque lhes perdoarei a sua maldade, e nunca mais me lembrarei dos seus pecados» (Jer. 31:34).»

Haverá Outro Intercessor?

As Sagradas Escrituras não deixam quaisquer dúvidas a este respeito: Jesus é o *único* intercessor. «Ele [Cristo] é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina. E em nenhum outro há salvação, porque também, debaixo do céu, nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devemos ser salvos» (Actos 4:11-12). E o mesmo Jesus declara: «Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim» (João 14:6).

Ter Jesus como nosso Intercessor e Sumo Sacerdote é a maior bênção que nos foi dada. É motivo de confiança e de esperança. «Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus... tendo um grande sumo sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé» (Heb. 10:19-22).

Há hoje, no mundo, uma assustadora preocupação quanto ao que acontece em todas as nações. A inequívoca afirmação de que «o fim do mundo está às portas» e de que a única esperança da humanidade repousa no regresso de Jesus à Terra é tema cada vez mais partilhado, empolgante, enchendo os corações de paz, felicidade e esperança.

A humanidade está literalmente «desfalecendo por temor das coisas que sobrevirão à terra» (Luc. 21:26). Por toda a parte, as pessoas estão desassossegadas, cheias de desconfiança e em tremenda perturbação.

Qual a causa profunda deste mal? A exclusão de Deus e de Cristo, e a rebelião à Sua Palavra.

A promessa de Jesus aos Seus discípulos, «Não se turbe o vosso coração... Virei outra vez» (João 14:1-3), é uma necessidade real para o êxito do plano da redenção e para a vitória definitiva deste estado de coisas. Giovanni Papini escreveu no seu livro, *Vida de Cristo*: «Está chegado o tempo em que deves aparecer... Vês, Jesus, a nossa necessidade... Tu sabes quanto é necessário o Teu regresso. Todos precisam de Ti... Agora não temos mais que a esperança da Tua volta.»

Esta «bem-aventurada esperança» (Tito 2:13) da volta de Jesus, em glória, a Parousia, é, na realidade o acontecimento supremo com o qual tudo, na Bíblia, se relaciona, e sem o qual tudo se desmorona e eclipsa. É que tudo nas Escrituras se projecta nesta perspectiva, sendo, por isso mesmo, o tema mais ensinado e abordado pelos profetas, por Cristo e pelos apóstolos.

Como Voltará Jesus?

A maioria dos cristãos tem alguma espécie de crença na

volta de Jesus à Terra. Há, apesar de tudo, variadas ideias referentes a este acontecimento, as quais é conveniente rever.

Muitos acreditam que Ele virá por ocasião da morte do crente. Outros, que virá num futuro longínquo e obscuro. Outros, ainda, crêem no arrebatamento secreto, e alguns pensam que Ele voltou em 1914, 1918, ou noutra data do passado. Não fora a Bíblia e muitos de nós estaríamos nas circunstâncias descritas.

Que a Segunda Vinda não será secreta, descobrimos logo com a leitura de Apocalipse 1:7 e Lucas 17:23-24. Que Ele não virá após a morte, diz-nos o apóstolo João no capítulo 5:28-29. Que não veio em 1914 ou noutra data, diz-nos Mateus 24:42 e II Pedro 3:10. A Sua vinda será, pois:

Visível: «Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá» (Apoc. 1:7).

Audível: «Virá o nosso Deus, e não se calará» (Salmo 50:3).

Gloriosa: «Porque o Filho do homem virá na glória de



VOLTAREMOS A VER JESUS?

ALBERTO NUNES

Seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras» (Mat. 16:27).

Terrível: «E o sétimo anjo derramou a sua taça no ar, e saiu grande voz do templo do céu, do trono, dizendo: Está feito. E houve vozes, e trovões, e relâmpagos, e um grande terremoto, como nunca tinha havido» (Apoc. 16:17-18).

Porque há tanta confusão sobre o Regresso de Jesus?

Um dos grandes intentos do inimigo de Cristo é conseguir,

por todos os meios, que se desvança a fé do crente na próxima vinda de Cristo. Satanás busca deixar-nos impreparados para o solene acontecimento, a fim de que, tolhidos de surpresa e em crise de fé, fiquemos de fora, no alvorecer daquele grande dia.

«Retenhamos, pois, firmes, a confissão da nossa esperança» (Heb. 10:23). Jesus deu o Seu estímulo, dizendo: «Ao que vencer lhe darei a coroa da vida» (Apoc. 3:21).

Alberto Nunes é departamental de Associação Ministerial e Comunicações da União.

SIMULAÇÃO DA VOLTA DE JESUS

«O próprio Satanás personificará Cristo... Em várias partes da Terra, Satanás se manifestará entre os homens como um ser majestoso, com brilho deslumbrante, assemelhando-se à descrição do Filho de Deus, dada por S. João no Apocalipse (1:13-15). A glória que o cerca não é excedida por coisa alguma que os olhos mortais já tenham contemplado. Ressoa nos ares a aclamação de triunfo: Cristo veio! Cristo veio!» (*O Grande Conflito*, p. 501).

PARA OS QUE MARCAM DATAS PARA A VOLTA DE JESUS

«Alguns há que pretendem conhecer o próprio dia e hora do aparecimento do Senhor. Muito zelosos são eles em delinear o futuro. Mas o Senhor os advertiu a sair desse terreno. O tempo exacto da segunda vinda do Filho do homem é um mistério de Deus» (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 473. Ver também *Mensagens Escolhidas*, livro 1, p. 189 e *Testemunhos Selectos*, vol. I, p. 504).

«Senhor meu,
e Deus meu!»

A MINHA DECISÃO



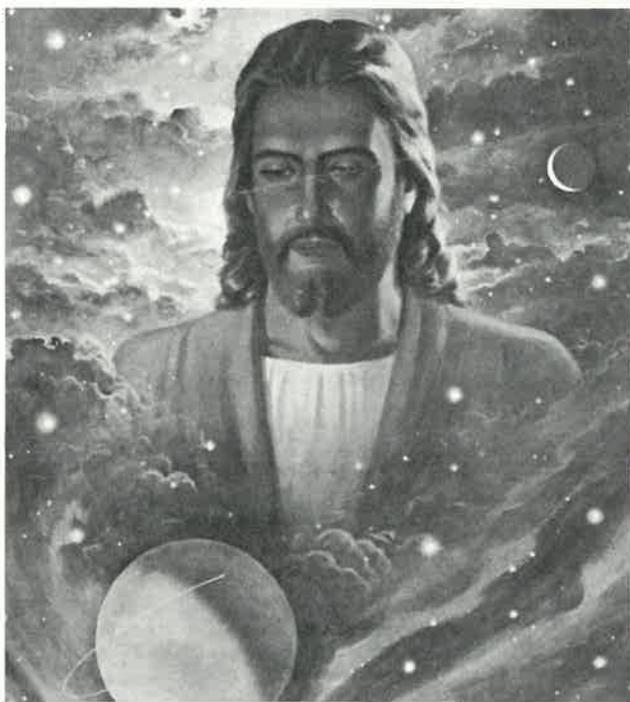
JOSÉ CARLOS COSTA

QUE FAREI DE JESUS?

A vida e morte de Jesus têm inspirado os mais belos quadros e os mais famosos artistas. Muitos são os que admiram o Homem da Galileia e se comovem com o Seu sofrimento. Todavia, Jesus não é nem mais um herói nem mais um mártir e a Sua vida é bem mais do que um belo e inspirador quadro para poetas e artistas. Jesus é o Salvador do mundo e o centro da História. Veio à terra «para dar a Sua vida em restate de muitos» (Mat. 20:28). «Veio buscar e salvar o que se havia perdido» (Luc. 19:10). Veio para dar-nos a vida eterna: «Vim para que tenham vida, e a tenham em abundância» (João 10:10).

A Sua morte é o mais precioso dom que nos podia ser feito. É um dom de um Deus de amor: «Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna» (João 3:16).

Todo o dom exige respos-



ta. Exige aceitação. **Que farei de Jesus?**

Jesus fez tudo por mim! Pelos meus pecados, eu estava condenado à morte eterna, mas Ele deixou o trono da glória e a adoração dos anjos para vir salvar-me.

Que posso fazer por Jesus?

Pensar n'Ele. Porque é o mais alto e sublime ideal.

Olhar para Jesus. Ele é o único caminho para a salvação.

te com Cristo «é ganho».

Viver por Jesus. Porque é a maneira de ter um verdadeiro relacionamento com nosso semelhante.

«Aquele que crê no Filho tem a vida eterna» (João 3:36). «Vivo, não mais eu, diz o apóstolo Paulo, mas Cristo vive em mim» (Gál. 2:20). E a Sra. White especifica: «Cristo pousa para ser retratado em cada discípulo. A todos destinou para serem 'conformes à imagem de Seu Filho'. Em cada um tem de se manifestar ao mundo o longânimo amor de Cristo, Sua santidade, mansidão, misericórdia e verdade» (*Serviço Cristão*, pp. 104, 105).

Que farei de Jesus?

«Como diz o Espírito Santo, se ouvirdes hoje a minha voz, não endureçais os vossos corações» (Heb. 3:7, 8).

Qual será a nossa decisão?

Falar de Jesus. É o mais elevado tema sobre que é dado ao homem falar.

Trabalhar por Jesus. Ele é Aquele que recompensa com justiça.

Amar a Jesus. Não é possível proceder de outro modo para quem tanto amou, ao ponto de dar a Sua vida por nós.

Crer em Jesus. Porque Ele é a verdade absoluta.

Morrer por Jesus. Porque é a morte vitoriosa. A mor-

José Carlos Costa é Departamental de Jovens e Actividades Missionárias da União.

Vila Franca de Xira: Baptismos

A vida cristã adventista do sétimo dia é, indubitavelmente, uma fonte inesgotável de riqueza moral e espiritual que nos enche a alma de prazer e muita alegria, mormente, quando os nossos corações contemplam uma cerimónia baptismal. Assim aconteceu no passado dia 15 de Outubro. Embora tarde, desejamos dar conhecimento, através da nossa Revista, da feliz notícia do progresso numérico e espiritual das nossas igrejas.

Desta vez, a igreja de Vila Franca de Xira foi também contemplada com dois baptismos. Assim, a maioria dos seus membros deslocau-se a Salvaterra de Magos, onde foram recebidos pelos irmãos da igreja local, como sempre, de braços abertos e com muito carinho. E todos unidos, num só espírito fraterno, participámos na cerimónia baptismal celebrada pelo Pr. Ma-

nuel Dias Oliveira.

As irmãs baptizadas são: Maria Benilde Pires Pinhal, que foi ajudada pela irmã Júlia Mateus, no curso «A Bíblia Responde»; Alzira Henriques de Soura, que teve conhecimento do Evangelho por intermédio da nossa irmã Maria Florinda Batista Pereira. Ambas decidiram unirem-se ao Senhor após o curso «A Bíblia Responde».

Sensibilizado pela grandeza espiritual da cerimónia e, talvez, também pela longa experiência de vida que o Senhor me tem concedido, gostaria de manifestar os mais sinceros votos de que esta cerimónia, mais do que uma imagem exterior, seja o reflexo de uma imagem interior, repleta pelo Espírito Santo.

José Duarte

Ancião da igreja



como monitores da Escola Sabatina os irmãos José Dias, de Moncorvo e Zeza Martins, de Viana. O culto foi da responsabilidade do Pastor José Carlos.

Após o almoço, realizou-se no centro da cidade de Viana do Castelo uma medição de tensão arterial, seguindo-se o Encontro de Música Cristã e a investidura de 4 novos «companheiros, cerimónia que decorreu no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários de V. Castelo.

Pelas 18 horas, tivemos para os clubes presentes, uma pista pela cidade, a visita aos locais turísticos, uma entrevista na Rádio Beira Lima, com a Gabi, Daniel e a Lete, do Porto, Salvaterra e Moncorvo, respectivamente. O programa fechou com um belo jantar de confraternização, oferecido pela nossa igreja,

e que decorreu na «bela mansão» dos irmãos Carvalhido.

Não poderemos esquecer o apoio de todos os presentes, em especial do grupo do irmão José Augusto, de Canelas, do grupo de Moncorvo, do Quinel, de Avintes, do grupo de V. Conde. Aos irmãos José Luís, de Vila do Conde e António Chinista da igreja Central de Lisboa e ao Sr. Cardoso, nosso amigo e chefe da C. P. em Darque, que «acarinhou» aqueles que vindos de longe pernôitaram no seu lar...

A todos o nosso agradecimento e que juntos possamos estar unidos em Cristo para lançar a semente nesta grande seara do nosso Salvador...

Álvaro Bastos

Colportor-evangelista em
Viana do Castelo

ZONA NORTE: Encontro JAP

No passado dia 5 de Novembro de 1988, decorreu, na cidade de V. Castelo, o Encontro da Juventude Adventista-Zona Norte e a festa do 1.º Aniversário do Clube de Tições da nossa igreja.

Estas palavras são escassas para traduzir a grande alegria que todos vivemos com mais uma iniciativa da igreja de Viana, em que o lema era: «SEMEAR, COLHER E CONSERVAR»...

As presenças do Pr. José Carlos Costa, responsável da J.A.P. e de representantes das Igrejas de Canelas, Avintes, Moncorvo, Colégio O. Douro, Salvaterra de Magos, Braga, Porto, Delaês, Viana e Vila do Conde elevaram o objectivo deste encontro, que tinha como grande desejo a união em Cristo e falar aos Vianenses da breve volta de Jesus.

As actividades matinais do Sábado decorreram normalmente, tendo

PENSANDO EM MORDOMIA...

«Estamos nós, como indivíduos, examinando a Palavra de Deus cuidadosamente e com oração para não nos afastarmos dos seus preceitos e reclamos? O Senhor não nos contemplará com prazer se retivermos qualquer coisa, seja pequena ou grande, que Lhe deva ser devolvida. Se desejarmos gastar dinheiro para satisfazer as nossas próprias inclinações, pensemos no bem que, com esse dinheiro, poderíamos fazer. Separemos, para o Mestre, quantias pequenas e grandes, a fim de que a obra possa ser edificada noutros lugares. Caso gaste-mos egoistamente o dinheiro tão necessário, o Senhor não nos abençoará com o Seu louvor, nem o poderá fazer.» — *Conselhos Sobre Mordomia, p.111.*

Igreja de Setúbal: Encontro de Casais

Se alguém poderia ter dúvidas de que o «AMOR É UMA PLANTA QUE NECESSITA DE SER ALIMENTADA», ficou completamente convencido de que isso é uma realidade premente e actual.

Não foram precisos os três dias de calendário (20, 21 e 22 de Janeiro) para que os mais de trinta casais que se reuniram na igreja para este marcante encontro, se aperceberem de que é um assunto bastante interessante e de grande utilidade para a vida dos casais.

Logo na reunião de Sexta à noite, nos apercebemos que estávamos perante um belíssimo curso de formação conjugal. Belos estudos se seguiram durante o Sábado e o Do-

mingo com a apresentação de temas bastante aliciantes que culminavam com testes de avaliação sobre a situação conjugal de cada um.

Não queremos deixar de fazer referência ao belo almoço de confraternização, com ementas diversas, confeccionadas pelos próprios casais. Foram uns momentos bastante alegres e descontraídos, que ajudaram a cimentar a amizade entre todos.

Muito agradecemos ao Pr. Eduardo Graça pelo cuidado e dedicação na preparação deste tema sempre actual.

Leonilde Dias

Secretária da igreja de Setúbal.

Salvaterra de Magos: Medição de tensão arterial

De acordo com o Mapa de Actividades do Clube de Desbravadores e Companheiros de Salvaterra de Magos, estes, no dia 18 de Dezembro de 1988, levaram a efeito a sua primeira campanha de Medição de Tensão arterial na Vila de Salvaterra de Magos, com a presença de três enfermeiros diplomados — Isabel Andrade, Enoque Freitas e Pr. José de Sá — tendo obtido os seguintes resultados no período das 10 às 13 Horas:

300 medições de Tensão Arterial
13 testes de açúcar no sangue para diabetes sob a responsabilidade do pastor e enfermeiro José de Sá.

Verificando a direcção destes clubes o interesse da população por esta iniciativa, decidiu realizar siste-

maticamente a mesma acção, a fim de poder dar mais apoio neste campo a todas as pessoas que nesta vila necessitarem dos nossos serviços.

Desejamos realçar e agradecer a colaboração dos Bombeiros Voluntários de Salvaterra, pela prontidão e simpatia que manifestaram por esta iniciativa, e que nos cederam as mesas e cadeiras necessárias. Gostaríamos também de manifestar o nosso apreço à Câmara Municipal de Salvaterra, na pessoa do Seu Presidente, Sr. António Moreira, pelas facilidades dadas à referida acção comunitária.

Rogério Baltasar

Clube de Desbravadores de Salvaterra e Magos

SEMINÁRIO MARANATA

20 a 30 de Agosto de 1989
no Colégio de Oliveira do Douro

*Programa Especial de Preparação
Missionária para Membros de Igreja*

Responsáveis:

Pastor Ulrich Frikart (Divisão)

Pastor José Carlos Costa (União)

Condições:

Inscrição Esc. 1.000\$00

Alimentação e Alojamento Esc. 4.500\$00

Inscrições e Informações:

Departamento de Actividades Missionárias
União Portuguesa dos A.S.D.
Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex



Boas-Novas de Faro

Era o dia 31 de Dezembro. Na ampulheta do tempo, escoavam-se as últimas horas do ano de 1988. Com elas, petrificavam-se também para a eternidade, oportunidades de vida e graça que o Senhor nos tem concedido. Por entre estes momentos, que poderiam ser dedicados ao exame dos êxitos e fracassos do passado, à reformulação de desejos e tomada de decisões para o «dia de amanhã», ergue-se Aquele que «habita na luz inacessível», que nos aguarda no tempo, disposto a fazer por cada um de nós no futuro, todo o bem que nos fez no passado e que,

de coração longânimo, profere: «Pois que com amor eterno te amei, também com amorável benignidade te atraí». Jer. 31:3.

É neste momento especial que a igreja de Faro, totalmente cheia, reunida em reverência e solenidade, participa em três cerimónias cristãs: Baptismo, Santa Ceia e Humildade.

Acolhidas por hinos de júbilo da congregação e a «alegria diante dos anjos de Deus», quatro novas almas testemunharam a sua decisão por Cristo. No coração dos três jovens, Mónica Tenreiro, Miguel Silvestre

e Filipe Pereira, integrantes das fileiras de Desbravadores da igreja, frutificou, pela graça do Senhor, a compreensão do lema que lhes havia sido ensinado: «O amor de Cristo nos constrange». Ei-los ali, dizendo SIM ao Comandante, dispostos a morrer para o mundo, ostentando garbosamente as suas fardas, ressurgindo com Jesus das águas bap-tis-mais, quais soldados de Deus decididos a «batalhar pela fé uma vez dada aos santos» (Judas 1:3). A irmã Vanda Veiga, de há muito familiarizada com a «mensagem do Senhor», entregou, de coração compungido pelo «evangelho eterno», a guia de sua vida nas mãos ternas e misericordiosas do Bom Pastor.

As lágrimas confundiam-se com a alegria e, com os novos membros já incluídos na grande família de

Deus, a igreja foi envolvida pelas cerimónias da Santa Ceia e Humildade, cuja consagração ascendia diante do «trono da graça», por entre as notas de «Santo, Santo, Santo».

Concluída a celebração litúrgica do amor que renuncia e «não busca os seus interesses», houve boas-vindas, abraços, alegria e comoção. No ar parecia ouvir-se: «O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o Seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti; O Senhor sobre ti levante o Seu rosto e te dê a paz» (Num. 6:24-26).

... E eram os primeiros instantes e o despontar de 1989.

José Filipe Pereira

Secretário de Relações Públicas da Igreja de Faro.

Barcelona 89: 15 Países Representados

Os preparativos para o Congresso Internacional da Juventude Adventista avançam com as melhores perspectivas. Foi já confirmada a presença do Presidente da Cidade Olímpica e do Presidente do Governo Catalão.

Por outro lado, chegam-nos cartas de jovens da Inglaterra e da Suécia... De Angola e Moçambique vi-

rá também uma delegação de jovens! As últimas notícias referem que um grupo de jovens do Taiti está também fazendo planos para assistir ao Congresso.

Não demorem, jovens! Inscrevam-se já!

John Graz

Director de Jovens da DEA

3.º Congresso Internacional de Juristas Adventistas

Meia centena de juristas adventistas — advogados, juizes, professores de direito — vindos de todos os continentes, participaram no 3.º Congresso Internacional de Juristas Adventistas, que teve lugar no Hotel Tara, em Londres, de 15 a 18 de Setembro do ano passado.

Este encontro foi organizado pelo Gabinete Jurídico da Conferência Geral e proporcionou aos participantes uma esplêndida oportunidade de discussão sobre diversos temas bem específicos, como, por exemplo, as relações da Igreja com a lei, os princípios de conduta profissional dos advogados adventistas, a possibilidade de intentar processos, a oportunidade de a administração da Igreja dispor de serviços jurídicos adventistas, etc.

Entre os representantes da Con-

ferência Geral, citamos G. Ralph Thompson, secretário-geral, Warren L. Johns, chefe do gabinete jurídico, Beverly B. Beach, director do Departamento de Assuntos Públicos e Liberdade Religiosa. A Divisão Euro-Africana esteve representada por uma dezena de pessoas, entre as quais Gianfranco Rossi, director do Departamento de Assuntos Públicos e Liberdade Religiosa da mesma Divisão.

Este congresso constituiu um passo em frente na crescente tomada de consciência da Igreja em matéria jurídica e da necessidade de poder contar com homens e mulheres que possuem adequada formação neste domínio.

John Graz

Director de Comunicações da DEA

IGREJA DO BARREIRO
Comemora Bodas de Ouro
 Importantes reuniões de reavivamento espiritual assinalam o acontecimento.
 Reportagem na RA de Abril.

CURSO DE DOCTRINA EM OLIVEIRA DO DOURO
 1 a 15 de Agosto de 1989
 no Colégio de Oliveira do Douro
Ciclo de Três Anos
Matérias de 1989:
 1. Introdução ao Estudo da Bíblia
 2. O Dom de Profecia na Igreja Remanescente
 3. A Psicologia Aplicada à Vida da Igreja
 4. Estudos sobre o livro de Daniel
 Responsável: *Pastor Ernesto Ferreira*
Condições:
 Inscrição Esc. 1.000\$00
 Alimentação e Alojamento Esc. 9.000\$00

BARCELONA 89

UM ENCONTRO A NÃO PERDER

- VEM PARTILHAR A AMIZADE
- VEM PARTILHAR AS TUAS OPINIÕES
- VEM PARTILHAR A TUA FÉ

AQUILO QUE O CONGRESSO TE RESERVA

- UM AMBIENTE CORDIAL
- SERÇÕES INTERNACIONAIS, MÚSICA, CÂNTICOS, DESPORTO...
- UM GRANDE ENCONTRO COM A POPULAÇÃO
- MOMENTOS ESPIRITUAIS INESQUECÍVEIS

INSCRIÇÕES

DEVERÃO SER FEITAS NO DEPARTAMENTO DE JOVENS DA TUA UNIÃO.

ATENÇÃO: DATA LIMITE 10 DE ABRIL DE 1989

IDADE

MÍNIMA — 16 ANOS

PROGRAMA

ABERTURA: TERÇA-FEIRA, 25 DE JULHO PELAS 20H00
TÉRMINO: SÁBADO, 29 DE JULHO PELAS 20H00



DESPESAS DE PARTICIPAÇÃO

PROPOMOS-TE AS SEGUINTES MODALIDADES:

- 1.º ESTADIA COMPLETA: INSCRIÇÃO, ALIMENTAÇÃO E ALOJAMENTO: ESC. 16.000\$00
 - 2.º MEIA ESTADIA: INSCRIÇÃO E ALIMENTAÇÃO SEM ALOJAMENTO: ESC. 11.000\$00
 - 3.º INSCRIÇÃO LIVRE: SÓ INSCRIÇÃO, SEM DIREITO A ALIMENTAÇÃO E ALOJAMENTO: 4.500\$00
 - 4.º DESPESA DE INSCRIÇÃO POR UM DIA: 2.000\$00
 - 5.º VIAGEM EM AUTOCARRO, ORGANIZADA PELO DEPARTAMENTO DE JOVENS: ESC. 10.000\$00
- PS — O JANTAR DO DIA 25 E AS DESPESAS DE TRANSPORTE NÃO ESTÃO INCLUÍDAS NESTES PREÇOS.

LUGAR DO CONGRESSO

PALÁCIO MUNICIPAL DOS DESPORTOS — BARCELONA
METRO ESPANYA (PRAÇA DE ESPANHA) - PARQUE MONTJUIC

RECEPÇÃO

TERÇA-FEIRA, 25 DE JULHO, A PARTIR DAS 9H00,
NO PALÁCIO MUNICIPAL DOS DESPORTOS

**NÃO ESQUECER:
O TEU SACO DE DORMIR.**

«Com Cristo no mundo»